



Brújula
Volume 12 • 2018

Travesía Crítica

*A rede do Tecnoxamanismo, uma pequena introdução do movimento
e suas práticas*

Carsten Agger, Renata Alcoba, Isabela Aurora & Raísa Inocência*

Borges, Fabiane M. (Organização). *TCNXMNSM - Tecnoxamanismo*. São Paulo:
Invisíveis produções, 2016. 360 pp.

*Há linguagem nas raízes
Em sua profunda conexão com a terra
(...)
Quiçás aflitas
Pelo nosso retorno
Ao desejo ancestral
De ouvi-las com o corpo
Conectar corpo
Conectar
dorso...¹*

* Copyright © Carsten Agger, Renata Alcoba, Isabela Aurora & Raísa Inocência, 2018. Used with permission.

¹ p. 279. O livro pode ser acessado através do link :

https://issuu.com/invisiveisproducoes/docs/tnxmnsms_ebook_resolution_1

Introdução:

O livro TCNXMNSM foi publicado em 2016, após a realização do I Festival no sul da Bahia em abril de 2014. Nessa resenha vamos tratar tanto da rede do Tecnoxamanismo e a realização dos festivais, quanto do resultado destes processos (como a publicação do próprio livro).

Este artigo propõe se centrar em alguns dos textos que abordam as três linhas conceituais e práticas de tecnologia e xamanismo operados na rede: **tecnologias de cura e cuidado; tecnologias da terra e tecnologias de rito**. Todos os três permeados pela cultura DIY (do-it-yourself), *faça-você-mesmo*, e inspirados no movimento do software e hardware livre. Os artigos publicados tanto tratam sobre a conceituação e a história do movimento do tecnoxamanismo quanto dos projetos desenvolvidos desde o primeiro festival, assim como das diferentes visões sobre essas práticas.

Se, por um lado, iremos comentar o quadro conceitual do Tecnoxamanismo – que motivou a publicação do livro – presente no artigo da organizadora, Fabiane M. Borges, também iremos comentar os artigos que desenvolvem projetos relacionados às tecnologias de cura e da terra, como nos artigos de Joeser Alvarez e de Jonanta Sola.

Antes, porém, para dar uma visão do tecnoxamanismo na referência brasileira, pontuamos citando a entrevista² realizada em inglês que:

2 Entrevista em inglês realizada por Bea Garcia para a Revista Laudano: <https://tecnoxamanismo.files.wordpress.com/2018/06/questionnaire-about-technoshamanism.pdf>

Um possível começo no contexto brasileiro se iniciou com os Fóruns Sociais Mundiais em Porto Alegre a partir de 2001. Onde já existiam práticas que relacionavam cultura do it yourself com, por exemplo, culturas tradicionais e permacultura. Assim sendo, muita gente dessas redes de software livre e diy se conheceram. Podemos também situar como ponto específico o Festival Mídia Tática Brasil, que aconteceu em 2003 na Casa das Rosas em São Paulo, organizado por grupos ativistas de software livre e arte urbana.

Nessa época, a esquerda tinha recém-chegado ao poder, com a eleição do presidente Lula (PT), que colocou Gilberto Gil como Ministro da Cultura. Gil participou do MTB e se interessou em colocar em prática um projeto no Ministério da Cultura que relacionasse o setor da Cultura digital em espaços pelo Brasil como quilombolas, comunidades ribeirinhas e tribos indígenas. Em pouco tempo, os grupos hacktivistas estavam implementando um dos maiores projetos de software livre no Governo do PT, chamado Pontos de Cultura.



Fig. 1: I Festival do Tecnoxamanismo (Bahia, 2014), ritual com os índios Pataxó, Instituto de Permacultura Itapeco. Foto: Rafael Frazão.

Durante a implementação do programa, centenas de hackers, hacktivistas, programadores de software livre tiveram acesso a um Brasil profundo, cheio de comunidades e modos de vida muito diferentes do das grandes capitais. A palavra tecnoxamanismo começou a aparecer de novo, (pois ela já existia), mediante ao encontro dos implementadores com as comunidades quilombolas, indígenas, ribeirinhas. Surgiu a sensação de que o movimento de software livre não tratava somente de inclusão tecnológica, mas de ponto de conexão entre culturas, perspectivas, saberes e tecnologias diversas. Nessa fase (entre 2005 e 2007) começou a reaparecer com força a palavra tecnoxamanismo nas redes, com diversas conotações, umas mais tecnofóbicas, outras mais tecnofílicas, mas no bojo havia a indicação de um reencantamento com as culturas nativas, com o xamanismo, com a magia, com a ideia de que a produção tecnológica estava muito distante da sua potência imanente e animista, da conexão com o planeta Terra e sua biodiversidade.

Então, em 2014, quando a maioria dos implementadores já tinha saído do governo, muitos já cansados da máquina burocrática do Estado, resolvemos fazer o I Festival Internacional de Tecnoxamanismo, seguindo a tradição de festivais que relacionava software livre com modos de vida alternativos ou tradicionais como Digitofagia, Submidialogia, Metareciclagem, Tropixel, Tecnomagia, as Internacionais do Movimento sem Satélite, etc.

O I Festival de Tecnoxamanismo foi feito em Arraial d’Ajuda no Instituto de permacultura Itapeco, com colaboração do esporto de Metareciclagem Bailux, Ônibus Hacker, Voodoohop, LCCPI - laboratório de corpo-criação-performance-interferência, Aldeia Velha Pataxó, entre muitos outros agentes. Ali se definiu um pouco mais claramente do que se tratava o tecnoxamanismo: 1) tecnologias das plantas, agrofloresta, permacultura, nascentes de água, banco de sementes etc; 2) produção de comunidade, convivência, trocas de saberes e tecnologias livres, relação com comunidades tradicionais; 3) software livre, open source, do it yourself; 4) Arte, Subjetividade e tecnologias eletrônicas e sociais: rituais, produção estética, música, cinema, vídeos, performances, construção imaginária e ficcional, plantas medicinais, chás, banhos, etc.

Depois do I Festival aconteceram vários outros encontros, em muitos deles constituindo parcerias com redes afins, como Criptorave, Magia do caos, Caravana climática, Ônibus hacker, Hacker camping, Baobáxia, etc.

É importante ter em mente que quando usamos a palavra TECNO é para pensar, problematizar, reinventar a tecnologia. Não se trata só de acesso e inclusão digital, ou música tecno, como muitos pensam. É aqui que entra o xamanismo como palavra referência para todas essas ontologias desperdiçadas. Qual ciência teríamos hoje em dia caso tantos projetos de futuro produzidos no passado não fossem tão vigorosamente massacrados pelas inquisições, monoteísmos, racionalismo, capitalismo, neoliberalismo, fascismos de direita e esquerda?

Portanto, essa aliança entre tecnologia e xamanismo é política. E traz para o centro do debate o futuro da própria tecnologia. Não basta só fazer a conexão entre as palavras, é o modo de produção da ciência e tecnologia e seus usos que estão em questão.

Rito Faça Você Mesmo (DIY)

No artigo de Fabiane M. Borges (2016), opera-se uma dupla articulação para a compreensão epistêmica da rede do Tecnoxamanismo e suas diferentes correlações de sentido e de práticas, primeiro uma conceituação em torno do que Fabiane chama *ancestrofuturismo*³ e depois o entrecruzamento conceitual com as práticas DIY, tomando, por exemplo, os artigos “Bruxaria DIY” (pp. 217-224) e “Luz-corpo” (pp. 293-294), entre outros.

Para entendermos melhor a primeira parte, é preciso compreender o conceito de Ancestrofuturismo:

Ancestro + Futurismo são dois termos que aparentemente surgem de uma impossibilidade, da ambivalência de dois mundos em disparada que é o arcaísmo e o futuro. O futuro, a grosso modo, é atrelado à idade moderna, entendido geralmente como a era que retira(ria) a humanidade do obscurantismo, do universo de crenças e superstições e a coloca(ria) no progresso, no desenvolvimento evolutivo dominado pela ciência e pela tecnologia. A ancestralidade, sob esse ponto de vista é considerada um conjunto

3 Texto de Fabianne M. Borges em inglês :
<https://tecnoxamanismo.files.wordpress.com/2017/07/ancestorfuturism-freecosmogony-doityourselfrituals-english.pdf>

de valores que rege as sociedades arcaicas, ignorantes da verdade científica, que cultivam saberes obsoletos desprovidos de comprovação. No entanto interessa ao ancestrofuturismo conceitos que trabalham com outras noções de tempo e história e que ressignifiquem a suposta linearidade entre passado e futuro, ou seja, desconstruam a ideia de tempo e de história vertical que vai do arcaísmo em direção ao futuro e horizontalizem essa perspectiva⁴.

Dentro desse horizonte, propomos uma multiplicidade perspectivista, criando 1) cosmogonias livres; 2) ficções especulativas e 3) uma ressignificação do passado atrelado à constituição de um outro futurismo que não seja monoteísta, predador e acumulativista. Ou ainda, citando mais uma vez Fabi Borges:

O que se pretende aqui é ativar seus sentidos, de modo que se perpassem, se conectem, se entremeiem, que gerem outros conceitos e práticas e não paralise numa divisão ou numa união irresponsável, em que só uma das partes sobreviveria. [...] Nesse sentido a ficção entra como aliança fundamental, pois como diz Donna Haraway é preciso acionar a ficção científica, a fabulação especulativa para desestabilizar nossas próprias histórias com outras histórias, com séries de desnormalização do pensamento⁵.

4 **Tecnoxamanismo**. Organização Fabiane M. Borges. Invisíveis produções. São Paulo. 2016. Artigo de Fabiane M. Borges. p. 47

⁵ p. 48

Por isso, tanto a rede do Tecnoxamanismo quanto sua articulação conceitual, como por exemplo o ancestrofuturismo, são ressignificações que também tangem o campo político, a descolonização do pensamento e proposição de novos modos de existência ou cosmogonias livres que não sigam um futurismo predatório, colonial e explorador.

Artigos do livro

Nesse sentido, os artigos presentes no livro – por exemplo, “Luz-corpo”, de Victor Venas (pp. 293-294), “Do rito à prática”, de Raísa Inocência (pp. 117-124), e “Bruxaria DIY”, de Lechedevirgen Trimegisto (pp. 217-224) –, apresentam-nos uma caracterização estético-política do que ocorre quando compomos nossas próprias cosmogonias, livres e autônomas, criando assim não somente redes, mas modos de vida originários, ancestrais e conectados à novas tecnologias.

Em “Bruxaria DIY”, a questão da raiz da arte é associada à magia, tomando este exemplo porque congrega diferentes perspectivas como a teoria queer, a descolonização, a pós-pornografia. Tendo esta consciência que a magia é vista como ficção, podemos nós mesmos criar ficções psicomágicas. Trimegisto propõe: se dissociar do medo; ser prudente; quebrar limites; princípio de substituição; objeto sagrado; siga sua intuição; transe; aprenda a escutar; crie uma egrégora; cure-se de maneira consciente (217-24).

Outro projeto que gostaríamos de ressaltar foi realizado por Jonanta Sola (265), que trabalhou com as crianças da etnia Pataxó um renascimento de uma nascente de rio.

Uma imagem do seu trabalho:



Fig. 2: Oficina com Jonanta Sola (Bahia, 2014), Instituto de Permacultura Itapeco. Foto Rafael Frazão.

Conclusão

Ao tratar do livro e dos artigos que se aproximam da rede do Tecnoxamanismo, seja por suas práticas, seja por suas ligações conceituais e tecnomágicas, gostaríamos de concluir esta resenha pontuando três pistas centrais e características da rede do Tecnoxamanismo: **clínica social do futuro**, **cosmogonias livres (DIY)** e **descolonização do pensamento**.

Enquanto conceito, o tecnoxamanismo opera na constituição de novas realidades críticas à “ciência” tradicional de raiz monoteísta, que almeja as três

principais características do Deus teológico, a onipresença, onisciência e onipotência. Portanto, o tecnoxamanismo é uma tentativa de criação de um ambiente onde a tecnologia e sua produção seja associada à multiplicidade de perspectivas e pontos de vista que se propõe a constituir espaços de convivência e experimentações múltiplas e transversais. Quando nos juntamos aos Pataxós para fazer os festivais, não estamos defendendo só a etnia Pataxó, mas trazendo o povo indígena Pataxó também como representante da diversidade dos povos do mundo.

Convidamos todos leitores a visitar o site e participar dos encontros organizados pelo grupo articulador da rede, assim como convidamos para o III Festival do Tecnoxamanismo a ser realizado na Dinamarca no próximo verão de 2019. Gostaríamos de agradecer à revista Brújula pelo convite, e aos apoiadores do livro TCNXMNSM como o Instituto Goethe, Invisíveis produções e Luisa Hervé pelo desenho gráfico.

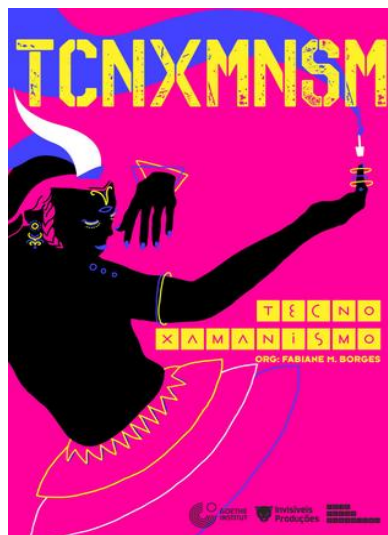


Fig. 3: Capa do livro. Desenho gráfico de Luisa Hervé